

- 1) no começo de sentenças, ex.: «*Tudo perdemos, excepto a honra*».
- 2) no começo de citações, ex.: «*Ao ver erguido sobre si o punhal de Bruto, Cesar exclamou; Tambem tu, meu filho*».
- 3) na palavra que segue aos pontos de interrogação e admiração, quando elles finalisam o sentido, ex.: «*Não me vê? Pois sou bem alto--Que loucura a de meu filho, santo Deus! Si elle nos abandona, perecemos*».
- 4) nos nomes proprios, ou no communs tomados como taes, quer sejam de pessoas, quer de coisas, ex.: *Deus—Romulo—os portuguezes—os Quebra Kilos—Abril—Londres—o Evangelho—o Coliseu*».

Os nomes referentes as divisões territoriaes do mundo, quando empregados como adjectivos escrevem-se com letra minúscula ex.: «*Aprendi Francez por livros portuguezes; Inglez, por livros francezes; Grego, por livros inglezes.*»

- 5) nos nomes de tractamento, ex.: «*Vossa Senhoria, Vossa Santidade—Senhor—Senhora, etc.*».

Nos escriptos môdernos, mórmente nos do jornalismo, vai-se estabelecendo o uso de escrever estes nomes com letra minúscula.

- 6) no principio de cada verso, ex.:

«Vai despontando o rosicler da aurora:

O azul sereno e vasto
Empallidece e córa,
Como se Deus lhe dêsse

Um grande beijo-luminoso e casto.

A estrella da manhã
Na altura resplandece

E a cotovia, a sua linda irmã,

Vai pelo azul um cantico vibrando,

Tão limpido, tão alto, que parece

Quê é a estrella no céu que está cantando (1)

(1) Guerra Junqueiro, *Morte de D. João*. Porto. 1876, pag. 133.

7) nos títulos de livros, jornaes, ex.: *Os Lusíadas*,—
A União Catholica».

Nestes casos, bem como em taboletas, inscripções, epitaphios, é tambem uso serem maiusculas todas as lettras, ex.: «OS LUSIADAS—A GAZETA DE NOTÍCIAS—VINHOS FINOS—A MEMORIA DE TIRADENTES—AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES».

ORDEM DAS PALAVRAS E PHRASES NA CONSTRUÇÃO DE SENTENÇAS SIMPLES

619. A construcção da sentença simples chama-se *directa*, quando se segue na disposição das palavras e phrases a ordem logica da concepção do pensamento, ex.: «*Antonio livrou-se das garras do monstro, por um esforço desesperado*».

620. A construcção da sentença simples chama-se *inversa*, quando para maior energia da expressão se não atende na disposição das palavras e phrases á ordem logica das idéias, ex.: «*Por um desesperado esforço, livrou-se Antonio das garras do monstro*».

Sobre o logar que, em casos especiaes, devem occupar as differentes partes do discurso, já tudo ficou dito nas secções respectivas.

IV

ORDEM DOS MEMBROS E CLAUSULAS NA CONSTRUÇÃO DE SENTENÇAS COMPOSTAS

621. A construcção da sentença composta chama-se *directa*, quando se segue na disposição dos membros e clausulas a ordem logica das concepções que constituem o pensamento, ex.: «*Ha poucas linguas nesta sociedade gangrenada em que vivemos, que não apregõem as minhas vergonhosas derrotas, como triumphos esplendidos*».

622. A construcção da sentença composta chama-se *inversa*, quando na disposição dos membros e clausulas se não guarda a ordem logica das concepções que constituem o pensamento, ex. : «*Nesta sociedade gangrenada em que vivemos, poucas linguas ha, que não apregõem como triumphos esplendidos as minhas vergonhosas derrotas*».

A tendencia que actualmente apresentam todas as linguas, para se tornarem analyticas, é a causa da preferencia que cada vez mais tem a construcção direita sobre a inversa.

Não é por se não fazer estudo dos modelos legitimos e castiços, não é por se lerem muito os livros francezes que se vai transformando a lingua portugueza; nem tal transformação é vergonhosa ou prejudicial (1). Producto inevitavel, necessario, fatal da evolução linguistica, ella accusa nova phase do modo de pensar, accusa desenvolvimento do cerebro, accusa progresso da humanidade.

Compare-se a linguagem das seguintes descripções; uma, feita por um escriptor do seculo XVI, outra por um contemporaneo nosso:

«Seis leguás de Congoxima está uma fortaleza sujeita ao mesmo rei de Sacçuma, que se póde contar entre as maravilhas do Japão: nem das desta sorte haverá muitas no mundo; porque, se n'outras partes se esmerou a arte, e industria humana em mostrar o saber, e ingenho com que contrafaz as cousas naturaes, aqui deu todas as mostras da força e violencia, que póde fazer á mesma natureza. He o sitio uma alta e grande serra de rocha viva, onde está em roda, feita ao picão,

-O chão estava cheio de folhas sêccas, e, entre os troncos espaçados, moitas de hortensias pendiam abatidas, amarelladas dos chuviros: ao fundo a casa baixa, velha, de um andar só, assentava pesadamente. Ao longo da parede, grandes aboboras amadureciam ao sol, e no telhado, todo negro do inverno, esvoaçavam pombos. Por trás, o laranja formava uma massa de folhagens verde-escuras; uma nora chiava monotonamente.

.....

(1) Ao pouco estudo dos classicos portuguezes e á Leitura de livros francezes, attribue Sotero dos Reis a transformação do Portuguez, e a qualifica de *vergonhosa metamorphose* (*Postillas citadas*, pag. 56-58!!!)

huma cava mui larga, e estão profunda, que mais parece se abria para ir fazer guerra aos dominios do inferno que para os homens se defenderem huns dos outros na terra: ficarão no meio do vão, a largura d'esta cava desapegados e postos, como insulas no mar, dez baluartes, que tendo no baixo o mesmo firme com ella, vem subindo, em boa proporção, solidos e massiços até o alto, onde são vasados quanto basta para commoda habitação da gente, que os defende. Ha d'huns aos outros boa distancia; por que assim é muito grande o circuito da espantosa cava: mas todos se correm com pontes levadiças; e da mesma maneira se passa de cada hum ao campo do meio, onde está o forte principal, a quem estes de fóra servem sómente de muro (1)».

Junto do muro cresciam rosas de todo o anno; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentavam a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz com tons amarellados, um grande campo de herva; os tectos baixos do curral coberto de colmo destacavam ao longe em escuro, e desse lado um fumozinho leve e branco perdia-se no ar muito azul.

Era uma abertura estreita no vallado; a terra do outro lado mais baixa, estava toda lamacenta. Via-se dalli a fazenda da S. Joanneira; o campo plano estendia-se até um olival, com a herva fina muito estrellada de pequenos malmequeres brancos; uma vacca preta, de grandes malhas, "pastava; e para além viam-se tectos aguçados dos casaes, onde voavam revoadas de pardaes(2)».

V

ESTYLO

623. *Estylo* é o modo peculiar de fallar e escrever que tem cada homem: quem o determina é a natureza: quem o corrige é a observação.

Todavia, ha certos modos irregulares de expressão de pensamento, que é util classificar. Estes modos irregulares

1) Lucena, *Vida de São Francisco Xavier*, Liv. VII, Cap. 21. Foi conservada a orthographia do auctor.

2) Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*, Porto, 1880, pag. 157, 148, 150.

de pensar e de exprimir o pensamento manifestam-se, alterados a syntaxe regular.

- | | | |
|---------------------|---|------------------------|
| 1) por omissão | } | de palavras e phrases. |
| 2) por augmento | | |
| 3) por transposição | | |

624. As alterações da syntaxe regular, accéttas pelo uso, chamam-se *figuras da syntaxe*.

625. A omissão faz-se pela figura ellipse.

626. Consiste a *ellipse* na suppressão de uma ou mais palavras, faceis de subentenderem-se, ex.: «*Ordeno que saias daqui*».

Neste exemplo, constitue ellipse a suppressão dos prônomes *eu* e *tu*.

627. A ellipse toma o nome.

- 1) de *zeugma*, quando se suprime o sujeito ou o verbo da sentença que se coordena com outra, formando-se assim sentença contracta (Vide 366) ex.: «*Napoleão bateu os Austriacos, derrotou os Ingleses, destruiu os Mamelucos, venceu a todos. Deu a uns conselhos, a outros esperanças, a todos dinheiro*».
- 2) de *sylllepse*, quando suprime o substantivo ou o pronome, com que deveria concordar o verbo ou o predicado, ex.: «*Eu e tu somos tolos*».

628. A *sylllepse* pôde ser :

- 1) de genero, ex.: «*Vossa Magestade é justo e bom*».
- 2) de numero, ex.: «*Parte dos inimigos fugiram*».
- 3) de genero e de numero, ex.: «*Parte da gente foram destroçados e mortos*».

629. O augmento faz-se pela figura pleonasmo.

630. Consiste o *pleonasmo* em junctar ás phrases, outras phrases, que em rigor deveriam ser omittidas, mas que servem para dar graça e energia ao pensamento, ex. : «*Parece-me a mim—Vi com estes olhos*».

631. A transposição faz-se pela figura *hyperbato*.

632. Consiste o *hyperbato*, na inversão das palavras e phrases da sentença.

633. O *hyperbato* toma o nome

1) de *anástrophe*, quando é ordenada a inversão das palavras e phrases, e. : «*De Jesus Christo a igreja veses nove*».

2) de *synchysis*, quando é desordenada a inversão de palavras e phrases, ex. : «*O céo fere com gritos nisto a gente* (1)».

634. É viciosa a *synchysis* que gera confusão de idéas, ex. :

«*Entre todos co'o dedo eras notado
Lindos moços de Arzilla em galhardia* (2)».

VI

VICIOS

635. Vícios ha que deturpam o discurso, já nos seus elementos lexeologicos, já nos seus elementos syntacticos.

(1) *Camões, Lusíadas*, Cant. VI, Est. LXXII.

(2) *Vasco de Quevedo Mousinho, Affonso Africano*, Cant. III, Est. LXXIII.

636. O vicio lexeologico chama-se *barbarismo*, e consiste

- 1) em usar de palavras e phrases estranhas á lingua, ex.: «*Afroso— Abat-jour*» em vez de *Medonho— Quebra-luz*.
- 2) em dar ás palavras significação que ellas não têm, ex.: «*Confeccionar — Desapercebido*» em vez de «*Organisar—Despercebido*».
- 3) em accentuar e articular erradamente as palavras, ex.: «*Púdico — Cravão*» em vez de «*Pudico — Carvão*».
- 4) em empregar termos obsoletos, ex.: «*Bofe—Lidimo*» em vez de «*Certamente—Legitimo*».

ARCHAISMO

Archaismo: Dá-se este nome a termos que já foram usados, e hoje estão esquecidos. Ex.: *arteirice*, hoje *astucia*; *avença*, hoje *concordia* harmonia; *britar*, *partir*; *catar*, *olhar*, empregado no composto *catavento*.

NEOLOGISMO

Neologismo: Dá-se o nome de *neologismo* a palavras novas, que se vão introduzindo na lingua. Ex.: *casambolar*, *periodicista*, *bilontra*, *nasoculos*, *cardapio*. etc.

A mania do neologismo é das mais detestaveis. Hoje, no Brazil, ser novo quer dizer ser *neologista*. O neologismo só se justifica pela necessidade de uma denominação nova, para uma descoberta que tambem é nova, para um novo instrumento; ou então quando vem apadrinhado por um nome respeitado na lingua. Os *periodiqueiros* e os *novos*, não passam de deturpadores da lingua. Para trás!...

HYBRIDISMO

Dá-se nome de *hybridismo* ás palavras de criação nova, e que se formam com elementos de linguas diferentes. Ex.: *photogravura*, *pulvero-graphia*; *oleographia*; em que o primeiro elemento é latino, e o segundo, grego:

As palavras de criação nova devem ser pedidas unicamente a uma lingua; *telegrapho, telephono*, são palavras de cunho legitimo.

Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem, si
Græco fonte, cadent, parce detorta.

(Horatius, Ars Poetica).

637. O vicio syntactico chama-se *solecismo* e consiste em infringir as regras da syntaxe, ex.: "*Nós vai—Para tu*" em vez de "*Nós vamos—Para tu*".

638. Ha outros vícios, que deturpam a parte musical, a harmonia do discurso : são :

- 1) a *cacophonia* ou encontro de duas palavras que produza uma terceira de significação baixa ou torpe, ex. : "*Alma minha—Essa fada—Ella trina.*"
- 2) o *hiato*, ou encontro de vogaes accentuadas, ex. : "*Vou á aula —Mandou-o o honrado chefe.*"
- 3) o *écho* ou concurrencia de sons identicos, ex. : "*Quand ando trabalhando—Elles procurarão consolação á afflicção-do seu coração.*"
- 4) a *collisão* ou som aspero e desagradavel, resultante da successão de articulações roladas ou sibilantes, ex. : "*Temol-o por rei—As azas asues.*"

Os rethoricos têm regras e figuras para fazer de todos estes vícios, primores de linguagem.

FIM

ANNEXOS

Agente indeterminado em Romanico

Os factos de uma lingua qualquer, só pódem ser cabalmente elucidados, pelo estudo historico comparativo da grammatica dessa lingua.

As explicações metaphysicas, mais ou menos subtis, mais ou menos engenhosas, nunca satisfazem.

Os meios que emprega o Latim, que empregam as linguas romanicas, para indicar de modo abstracto a indeterminação do agente de um verbo, têm servido de thema a milhares de divagações, tão prolixas quanto abstrusas, tão requintadas quanto estereis.

Analyzar esses meios á luz do estudo historico comparativo das grammaticas romanicas e da latina, eis o fim que levo em vista.

E me não apresento, como exhibindo novidades: sigó apenas os passos dos srs. C. Waldbach e Adolpho Coelho, de Diez e Bopp, de todos os mestres de philologia e linguistica.

I

O primeiro meio de indicar em Baixo Latim, e nas linguas romanicas, a indeterminação do agente de um verbo, é dar por sujeito a esse verbo o substantivo *homo*, em Latim : *uomo* em Italiano, *hombre* ou *ome* em Hespanhol : *homem* em Portuguez ; *on* em Francez ; *omul* em Valaquoio.

Taes substantivos assumem neste caso verdadeiro character pronominal, e equivalem exactamente ao *man* allemão.

Exemplos :

BAIXO LATIM *Ut inter tabulas adspicere homo non posset* (1).

Sic debet (debet) homo considerare (2).

ITALIANO. *Com'uom fa dell'orribili cose* (3). *Com'uom dice* (4).

HESPANHOL. *No puede hombre conocer* (5) *Es razon que ome guarde mucho aquello* (6).

PORTUGUEZ. *O que homem traz na phantasia* (7). *Segredos que homem não conhece* (8).

FRANCEZ. *On dit. On croit.*

VALAQUIO. *De este omul beleage.*

1) Gregorio de Tours, IV. 12.

2) Lupus, *Codex Diplomaticus*, pag. 527.

3) Dante, *Purgatorio*, XIV, 69.

4) Bocaccio, *Decameron*, I. 7.

5) Marquez de Santillana, *Proverbios*, 70.

6) *Las siete partidas del rey don Affonso el sabio*, Tom. I pag: 76.

7) Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, cap. VII.

8) Camões, *Lusiadas*, Cant. III. Est. 69.

O FRANCEZ é a unica lingua romanica que no periodo actual ainda conserva vigente este modo de expressão : applica-o elle a ambos os generos, a ambos os numeros — *On doit être bon : On doit être bonne. On se battit en désespérés.*

Em Portuguez a palavra *gente* presta-se a uso identico : *Quando a gente tem tutor ou padrinho.*

II

Indica-se tambem nas linguas romanicas a indeterminação do agente de um verbo, unindo-se a esse o pronome reflexivo *se*, considerado como mera particula apassivadora.

Neste uso que remonta aos monumentos mais antigos do dominio romanico, cumpre distinguir dous casos :

1.º) *Expressão impessoal*

A) Com verbos transitivos

a) ITALIANO. *Si dice. Si crede. Si sa. Non può dire.*

b) HESPAÑHOL. *Se dice. Se cree. Se sabe.*

c) PORTUGUEZ. *Dis-se. Cre-se. Sabe-se.*

B) com verbos intransitivos

a) ITALIANO. *Si va. Si vien. Si vive.*

b) HESPAÑHOL. *Se anda. Se viene. Si vive.*

c) PORTUGUEZ. *Vai-se. Vem-se. Vive-se.*

d) VALAQUIO. *Se mearge. Se vine.*

2.º) *Expressão pessoal.* Neste caso o verbo, que só transitivo pôde ser, regula-se pelo numero do sujeito.

a) ITALIANO. *Il libro non si trova. I libri non si trovano.*

b) HESPAÑHOL. *Se teme una borrasca. Si dicen muchas cosas.*

c) PORTUGUEZ. *Dá-se um baile. Plantam-se árvores.*

d) FRANCEZ. *Cela se fait. La maison se bâtit.*

Sendo o sujeito, como nos exemplos adduzidos, nome de cousas, nada se oppõe a esta construcção; si é, porém, o sujeito nome de pessoa ou mesmo de ser vivo, a expressão póde ficar equívoca. Assim, não se dirá em Italiano—*I fratelli se puniscono*; em Hespanhol—*Las mujeres se miram*; em Portuguez—*Ferem-se os soldados*, etc.

Mas, como não ha confusão a temer, diz-se em Italiano—*Laddove Cristo tutto di si merca* (1); em Hespanhol—*Las mujeres se conquistam por semejantes medios* (2); em Portuguez—*Vencem-se os reis com lisonjas*.

Segundo Diez, a grammatica italiana prescreve o emprego da voz passiva propria em vez desta construcção com *si*, sempre que a phrase contém um pronome pessoal, ensina o douto mestre que se deve dizer—*Mi é stata tagliata la borsa*, e não *Mi si taglió*. Todavia Silvio Pellico escreveu: *Mi si fece un lungo interrogatorio* (3).

Ora o que resta a saber é si estas fórmulas são realmente passivas.

São, e a prova é que ás vezes empregam-se com o agente claro.

Lé-se em Solis: *Adornó-sè luego por sus mismos criados con las mejores alhajas de su guardaropa* (4). E em Cervantes: *En un instante se coronaron todos los corredores del patio de criados e criadas* (5).

1) **Dante**, *Purgatorio*, XVII, 51.

2) **Menezes**.

3) *Le mie prigioni*.

4) *Historia de la conquista de Mejico*.

5) *Dom Quijote*.

E não é tudo: estas fórmulas correspondem com exactidão mathematica ás fórmulas passivas latinas.

A voz passiva em Latim classico tem por principaes objectos

- 1) trazer a lume o nome que teria servido de paciente, si a oração fosse construida em voz activa, nome esse que na passiva figura como sujeito.
- 2) indicar uma acção, sem designação precisa do agente que a leva a effeito (1).

O primeiro destes usos só tem logar como verbos transitivos; o segundo estende-se até os intransitivos.

São ambos tão communs nos escriptos latinos do periodo classico, que não se faz mister apontar exemplo: todavia adduzirei alguns do segundo.

- 1) com verbos intransitivos:

Subeatur ista quantacunque est indignitas.

Quum de fœdere agitatum esset. (TITUS LIVIUS).

- 2) Com os verbos transitivos:

Vivitur ex rapto.

Nunc pedibus itur (OVIDIUS).

Itum est in consilio.

De provinciis decedatur. (CICERO).

Si agro Samnitum decederetur. (TITUS LIVIUS).

Fica, pois, demonstrado que as fórmulas romanicas construidas com *se*, bem como as fórmulas latinas passivas, servem para exprimir a acção, sem trazer a lume o agente.

Mas como servem construcções tão differentes para um mesmo fim?

1) Guardia Wierzeyski.

Não são differentes as construcções. e quem o vai provar, é ainda o estudo historico comparativo.

As antigas linguas aryanas tinham tres vozes—a activo, a media e a passiva.

A *voz activa* indica uma acção do sujeito, a qual passava para um objecto: a *média* exprimia uma acção que, partida do sujeito, recahia sobre elle proprio; a *passiva* traduzia uma acção que, vinda de agente estranho, era recebida ou soffrida pelo sujeito.

Volvendo os annos, a voz média confundia-se com a passiva.

Os tempos dos verbos em Grego, á excepção do primeiro aoristo e do futuro, têm as mesmas fórmas para a voz média e para a passiva.

O Latim teve de certo, para exprimir o sentido da voz média, desinencias analogas ás gregas *mat, sat, tai*; perderam-se, porém, deixando apenas os vestigios que hoje nos auctorisam a tal supposição. Substituiu-as uma formação periphrastica: o pronome reflexivo *se* juntou-se ás fórmas de todas as pessoas dos tempos de acção incompleta da voz activa, para construir uma nova forma de voz média, que afinal veio a ser a passiva do periodo classico.

A tendencia das linguas aryanas foi sempre exprimir o sentido da voz média por fórmas simples: os elementos, pois, da composição fundiram-se em Latim, e constituiriam palavras apparentemente simples.

Tal fusão operou-se sob a acção das leis phoneticas peculiares ao Latim.

Dessas leis tres ha que se faz mister conhecer, para se poder comprehender o processo da fusão:

- 1.^a) Entre duas vozes a modificação *s* converte-se em *r*.
- 2.^a) As vozes finaes, não accentuadas, cáem.
- 3.^a) As vozes longas finaes abreviam-se.

Assim, pois, por exemplo, pela addição do pronome reflexo *se*.

lego	deu	legose,	legore,	legor:
lege	»	legese,	legere,	
legeto	»	legetose,	legetore,	legetor:
leganto	»	legantose,	legantore,	legantor:
legam	»	legase,	legare,	legar:
legis	»	legise,	legire,	legere:
legimus	»	legimuse,	legimure,	legimur:

Nas terceiras pessoas em *t*, como *legit*, *legunt*, encontra-se na voz passiva, entre a desinencia activa e o pronome reflexivo apassivador *se*, um *u* :

legite	legituse,	legiture,	legitur ;
legunt,	leguntuse,	legunture,	leguntur;

Provém de certo esse *u* de um *o* connectivo que se vê tambem na desinencia grega *to*.

É verdade que em Latim não ha fórmula correspondente a fórmula grega *elécto*, mas ás fórmulas gregas *legoito*, *legointo* correspondem as latinas *legeto*, *legento*, que pela addição do pronome *se*, e por transformações regulares converteram-se em *legetor*, *legentor*.

Muito se poderia aprofundar este assumpto ; basta porém, o que fica dito para provar que as fórmulas passivas dos tempos de acção incompleta do periodo classico latino foram fórmulas médias creadas pela addição do pronome *se* ás fórmulas activas correspondentes.

Ora, é exactamente o mesmo que se dá nas linguas romanicas : a voz média ou reflexa converteu-se em voz passiva, appropriando-se nas terceiras pessoas a exprimir a indeterminação de um agente que se não especifica.

Ha ainda a notar que a voz reflexa em romanico, é tambem empregada como equivalente da passiva nas pri-

meiras e nas segundas pessoas. E' obvio o sentido passivo destas construcções.

*Devoro-me de pezar.
Tu te pagas de lisonjas.*

Mesmo em Inglez, lingua *foucièrement* germanica, ha um passivo curiosissimo para exprimir a indeterminação do agente :

*Piter is said to have spent uselessly his time.
We do not suffer ourselves to be trifled with.*

Nesta identidade dos meios de expressão, dos processos linguisticos dos modernos idiomas arianos, não se enxergará um effeito do atavismo, lei tão provada na evolução sociologica, como está na biologica ?

III

Em Latim e Grego, a terceira pessoa do singular da voz passiva, quando se tracta de indicar a indeterminação do agente, póde ser trocada pela terceira pessoa do plural da voz activa sem sujeito claro : em Latim, *dicitur* equivale a *dicunt*; em Grego *legutai* tem a mesma força que *legousi*.

O mesmo dá-se na mór parte das linguas romanicas, o mesmo acontece em Inglez ; em Italiano *si dice* vale tanto como *dicono*; em Inglez *credit is given to this* e *they give credit to this* são expressões identicas.

Em Portuguez e Hespanhol, são vernaculissimas construcções como estas :

*Mataram o general em Paris.
Me han convidado para las cinco menos cuarto.*

Este verbo no plural representa muitas vezes uma acção que, pelo contexto, sabe-se ter sido exercida por agente de singular.

Menina e moça me levaram da casa de meu pae pera longes terras (1)
Una vira me han tirado (2).

Em ambos estes exemplos, quem executou a acção do verbo foi uma sô pessoa.

Frequentemente, dá-se em Portuguez á terreira pessoa do plural da voz activa um sujeito que, sendo incapaz de exercer a acção do verbo, indica por isso mesmo a indeterminação do agente.

*Muitos a vida, e em terra estranha e alheia,
 Os ossos para sempre sepultaram. (3).*

*E os que neste sentido o acompanharam
 Os ossos em penhascos transformaram (4)*

Objectar-se-á, de certo, que, a ser assim, só philologos e linguistas poderão entender e explicar taes construcções.

Mas, por Deus, de accordo, de perfeito accordo!

Não ha necessidade de dar a uma pessoa razões falsas, por isso que ella não pôde entender as verdadeiras.

Ao estudante de grammatica basta que lhe ensinem o uso correcto: quem se lembrou jámais de explicar a um menino que começa a aprender a grammatica de sua lingua

-
- 1) **Bernardim Ribeiro**, *Menina e moça*.
 - 2) *Silva de romances viejos*.
 - 3) **Camões**. *Lusiadas*, Cant. V., Est. 81.
 - 4) **Gabriel Pereira de Castro**, *Ulisséa* Cant. V. Est. 91.

o processo de derivação porque passaram as conjugações dessa lingua, para chegarem ao estado em que se acham ?

Ninguém, porque seria desatino.

Pois o que se dá na lexeologia, porque se não dará na syntaxe ?

Apresente-se a declinação, a conjugação como factos linguisticos; pois apresenta-se tambem do mesmo modo a construcção, deixando-se de parte elucidacões especiosas.

Explique e entenda um e outro facto, e todos os da lingua, quem tiver estudado philologia e linguistica.

Subtilezas só engendram confusão: em metaphysica, cada qual discreteia a seu modo, e ha sempre tantas sentenças, quantas são as cabeças.

As irregularidades, os idiotismos, os dizeres intimos de uma lingua, só pelo estudo historico comparativo podem ser postos em luz, explicados, solvidos.

Campinas, 27 de Agosto de 1881.

II

O artigo Portuguez (1)

Postas de parte, por anti-historicas e falhas, as opiniões de Constancio (2) e de José Alexandre Passos (3), que entendem vir o artigo portuguez das fórmãs do artigo grego *ó o* (ho, he), examine-se a doutrina de Diez (4), seguida por quasi todos os romanistas.

Diz o grande mestre que o artigo portuguez foi outr'ora identico ao artigo hespanhol. e que as fórmãs *lo, la* abreviaram-se por aphérese em *o, a*. Diz mais—que se acha em Gallego *el* ao lado de *o*; que esta fórmula actual remonta tão alto no romanismo que já é encontrada em documento

1) Este bem como os subsequentes artigos, escrevi-os em homenagem ao erudito dr. Karl von Reinhardtstoettner: era dever meu dar as razões de não acceitação de algumas das emendas, que em o numero 5 do "*Literaturblatt für germaneisch und romanische Philologie*" de 1882 fez-me o douto professor.

Outras observações suas, que não são poucas, achal-as-á elle aproveitadas nos logares competentes.

Sobre a etymologia de *algures, alhures nenhures*, nada aqui adduzo, porque a esse respeito escrevi em Francez uma memoria que vou mandar para uma revista de philologia.

2) *Novo Diccionario Critico e Etymologico*.

3) *Diccionario Grammatical Portuguez*, Rio de Janeiro 1865.

4) *Grammaire des Langues Romanes*, Traduction de Morel, Patio et Gaston Paris, Paris. 1874, vol. II. pag. 29 et suivantes.